

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA ALUNOS DO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO DE NÍVEL MÉDIO

Demson Oliveira Souza¹
Emanuel Tarciano Santana da Fonseca²
Tauane Pereira Sales³
Anna Rafaella Braga Santos⁴

RESUMO

Nesse artigo apresentamos alguns resultados e reflexões originados a partir uma oficina com alunos do ensino técnico integrado de duas escolas públicas da cidade de Jacobina - BA. Como objetivo este trabalho propõe discutir sobre importância da educação financeira e seus princípios no contexto de realidade dos alunos envolvidos. Para isso, foram desenvolvidas atividades didáticas de caráter prático e reflexivo a partir de encontros presenciais e de atividades *online*. Nesse contexto, foram abordados conceitos e estratégias para o uso consciente dos recursos financeiros, bem como, sua melhor utilização e controle. Tais atividades envolveram interpretação, discussão e solução de questões cotidianas de ordem financeira, com auxílio de recursos tecnológicos digitais, tais como: aplicativo que simula calculadora financeira HP12C, planilha eletrônica, um aplicativo móvel de controle financeiro e outro voltado para gerenciar compras em supermercados e afins. A abordagem metodológica adotada nesse trabalho se aproxima de um estudo descritivo com análise qualitativa. Para efetivar a coleta de dados, utilizamos questionários semiestruturados, registros nos fóruns virtuais, que posteriormente serviram de objetos de análise e discussão. Os resultados evidenciaram que a maioria dos alunos desconheciam os principais aspectos da Educação Financeira e pouco discutiam sobre o assunto com familiares ou colegas, por isso, acreditam que os saberes abordados e as reflexões levantadas nessa intervenção poderão favorecer suas atitudes e ações, com relação ao uso de recursos financeiros em seus cotidianos.

Palavras-chave: Educação Financeira, Ensino Técnico, Tecnologias Digitais.

INTRODUÇÃO

A gestão dos próprios recursos financeiros não é uma tarefa fácil, exigem saberes pouco explorado na educação básica, mesmo sendo de grande importância ao exercício da cidadania. Nesse contexto, desenvolver competências inerentes à educação financeira pode ajudar o cidadão em sua tomada de decisões sobre uso consciente e sustentável dos recursos

¹ Mestre em Ciências Exatas e Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, campus Jacobina, demsonoliveira@ifba.edu.br.

² Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, campus Jacobina, emanueltaciano@yahoo.com.br.

³ Aluna do Curso Técnico em Informática Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, campus Jacobina, taysales6@gmail.com.

⁴ Aluna do Curso Técnico em Informática Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA, campus Jacobina, anarafaella_braga@hotmail.com.

financeiros. Para que isso ocorra, devemos ir muito além do conhecimento teórico ou técnico aprendido na escola.

Nessa perspectiva, é possível que os sujeitos tenham que desenvolver atitudes proativas de organização, de disciplina e planejamento financeiro. Tais atitudes, não se limitam a um único ambiente de aprendizagem, nem num período de tempo específico, porém, tornam-se parte do aprendizado para a vida toda.

Ao todo, foram trinta alunos envolvidos no processo investigativo, dois deles selecionados como monitores. Os alunos participantes desse processo de intervenção eram provenientes de turmas do terceiro ano do curso de administração do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Felicidade Jesus Magalhães – CETEP, e dos segundo e terceiro anos dos cursos de informática, mineração e eletrotécnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA, campus Jacobina. Nesse caso, as atividades didáticas e investigativas foram desenvolvidas nos espaços de ensino do IFBA.

Um ponto comum aos processos formativos desses estudantes é a ausência de debates efetivos sobre Educação Financeira nos âmbitos curriculares e disciplinares. Isso fica evidenciado quando analisamos a grade curricular destes cursos. No caso do curso técnico em administração, existem disciplinas como economia, administração financeira, matemática comercial e financeira, já os cursos do IFBA não apresentam disciplinas dessa natureza.

Além disso, não são incomuns na maioria das vezes, que os ensinamentos escolares sejam reduzidos aos estudos de tópicos específicos da matemática financeira ou leituras teóricas sobre questões relacionadas com finanças e economia, ou seja, insuficientes para desenvolver saberes específicos da Educação Financeira ou uma visão crítica e reflexiva desse tema.

Por essa razão, órgãos governamentais em parceria com instituições privadas e ONGs, desenvolveram uma Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, que tem como uma de suas principais diretrizes, atuar gratuitamente no acesso a informação, na formação e na orientação, referentes à Educação Financeira (Decreto Nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010).

Segundo a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE (2005), as possibilidades de uma boa educação financeira vão ao encontro de uma formação para cidadania, importante não só para inclusão social dos alunos envolvidos, como também, para sua independência e segurança financeira na fase adulta.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância da Educação Financeira e de seus princípios no planejamento financeiro e orçamentário dos alunos envolvidos ou de suas famílias.

Para alcançar tal objetivo, identificamos atitudes e hábitos de consumo dos alunos em relação as suas finanças pessoais e familiares, incentivamos tais alunos na aprendizagem dos principais conceitos da Educação Financeira e estimulamos os mesmos ao uso de ferramentas tecnológicas que visassem auxiliar no controle de seus recursos financeiros e das finanças domésticas de suas famílias. Além disso, alertamos os envolvidos para a importância de uma atitude reflexiva sobre o uso consciente e sustentável dos recursos financeiros em seus cotidianos.

Os resultados obtidos revelam que a escolas onde estes alunos estudam tem negligenciado a importância da Educação Financeira como objeto de estudo disciplinar, interdisciplinar ou curricular, uma realidade comum para a maioria das escolas públicas do país. A expectativa desde a publicação do decreto Nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, é que essa realidade vá sendo modificada aos poucos, a partir de ações de promoção e formação docente inicial e continuada, que contemplem os estados e municípios brasileiros com esse tema tão relevante.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica que adotamos nesse trabalho se aproxima de um estudo descritivo com análise qualitativa. Seu desenvolvimento levou em consideração um levantamento bibliográfico pertinente, bem como, sequências didáticas, questionários e fóruns virtuais do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem - AVEA (Moodle). Tais instrumentos de registro serviram como instrumentos de coleta de dados e foram objetos da análise nesse trabalho.

Com relação à abordagem descritiva escolhida, ela exige uma série de informações sobre o objeto investigado, com pretensão de descrever os fatos e fenômenos de uma determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987 apud SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009). Quanto ao aspecto qualitativo desse trabalho, levamos em consideração as colocações de Silveira e Córdova (2009), ao descreverem que uma investigação qualitativa se interessa em:

(...) explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

A partir dessa perspectiva, desenvolvemos esse estudo investigativo com alunos de turmas do terceiro ano do curso de administração do Centro Estadual de Educação Profissional Professora Felicidade Jesus Magalhães – CETEP e com alunos do segundo e do

terceiro anos dos cursos de informática, mineração e eletrotécnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia-IFBA. Estes alunos foram divididos em dois grupos de 15 pessoas para facilitar o acesso individual aos recursos tecnológicos disponíveis no laboratório e na sala de aula.

Sua realização ocorreu em diferentes espaços da instituição e podem ser subdivididos em diferentes etapas: uma primeira etapa para debater sobre principais conceitos da Educação Financeira no auditório da instituição (2 horas), uma segunda etapa para exposições teóricas e exercícios envolvendo matemática financeira e finanças (6 horas) e uma terceira etapa no laboratório de informática com o desenvolvimento das sequências didáticas no computador e atividades com dispositivos móveis (8 horas). Nesse sentido, presencialmente foram 16 horas distribuídas em quatro semanas, intercaladas por períodos de 4 horas semanais para desenvolvimento de atividades e interações no AVEA, que totalizaram outras 16 horas. No decorrer do processo foram cerca 32 horas de dedicação dos alunos na busca por gerar novos conhecimentos.

Nesse processo, utilizamos como instrumentos de coleta de dados: questionários semiestruturados, que passaram por um pré-teste para avaliar a fidedignidade e validade dos dados desejados e enviados por *e-mail* (no início e no final da intervenção) e fóruns de discussão disponibilizados no AVEA. Além disso, também buscamos observar de forma participativa, visando obter o máximo de informações úteis ao processo investigativo. A partir dessa perspectiva, observamos, interpretamos e analisamos parte destas atividades e registros desenvolvidos, com intuito de elaborar este estudo.

Para corresponder nosso objetivo principal, buscamos como ponto de partida identificar características particulares e gerais dos estudantes, seus saberes prévios e suas experiências formativas, além disso, suas opiniões e percepções sobre o tema proposto. Ressaltamos que os dados coletados (imagens, registros escritos nas atividades e no AVEA, além dos registros de observação) foram autorizados previamente pelos alunos ou seus responsáveis legais, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, seguindo os parâmetros recomendados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição.

A seguir detalhamos sucintamente o percurso metodológico utilizado para desenvolvimento das práticas e ações descritas nesse estudo.

Inicialmente nos concentramos na formação teórica e prática dos estudantes monitores, escolhidos por processo de análise curricular no âmbito da turma de terceiro ano do curso técnico de Informática IFBA, campus Jacobina. Nesse caso, além do bom

desempenho acadêmico, buscamos valorizar os mais experientes com monitorias envolvendo aplicação de *softwares* em práticas educativas.

Tal processo formativo consistiu em discutirem e refletirem sobre conceitos fundamentais da educação financeira, tais como, consumo sustentável, princípios de matemática financeira, operações financeiras, economia doméstica, previsão financeira futura, etc., além de processos de mediação pedagógica com suporte tecnológico. Essa formação possibilitou que eles adquirissem novos saberes, visando socializá-los com os estudantes participantes da intervenção ou com familiares e demais colegas. Esse momento permitiu que adquirissem segurança e eficiência no uso dos aplicativos, *softwares* e demais recursos didáticos empregados.

O processo de seleção dos alunos participantes desse processo investigativo ocorreu de forma virtual, por ordem de inscrição, logo após informações divulgadas nos murais das duas escolas envolvidas, a partir dessas informações, foram enviados por *e-mail* detalhes da formação e o questionário inicial produzido no *Google forms*, que foi objeto de coleta de dados inicial. Além disso, os alunos foram convidados a ler e assinar voluntariamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que informava seus direitos, deveres e riscos no âmbito da investigação. Nesse termo constam a indicação do anonimato dos nomes alunos e suas autorizações para o uso de imagens produzidas no decorrer do processo investigativo.

Nesse contexto, como etapa inicial, desenvolvemos um seminário de abertura e sensibilização no auditório do IFBA (ver figura 1), abordando o tema “A importância da Educação Financeira no contexto socioeconômico regional e nacional”, com duração de 2 horas, destinado em especial aos alunos da pesquisa, mas também, divulgado e aberto aos demais membros das comunidades escolares do IFBA e do CEEP.

Figura 1 - Abertura Inicial do seminário no Auditório do IFBA.



Fonte: Autores (2018).

A segunda e terceira etapas foram estruturadas a partir de oficinas e interações virtuais (ver figuras 2, 3, 4 e 5) que foram ofertadas da seguinte forma: 6 horas em sala de aula (em 2 dias), 8 horas no laboratório de informática (em 2 dias) e 16 horas não presenciais em ambiente virtual (no decorrer do curso). Esta última carga horária descrita, contou com o suporte tecnológico e pedagógico de um Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem - AVEA, desenvolvido na plataforma Moodle pelos pesquisadores e desenhado didaticamente pelos mesmos. Neste espaço virtual foram disponibilizados para download mídias digitais que servirão de apoio didático (e-books, apostilas, vídeos, links de artigos, links de aplicativos, etc.).

Nesse contexto, as oficinas propostas foram desenvolvidas numa perspectiva de contextualização da teoria (situações da realidade) e da prática construtiva no desenvolvimento das atividades (elaboração de produtos de utilidade cotidiana). No decorrer das aulas os alunos cursistas foram estimulados a participar das discussões e a reflexões, com objetivo de repensarem sobre o consumo sustentável de bens e serviços, sobre organização e orçamento financeiro (pessoal e familiar) e sobre poupar e economizar dinheiro, dentre outros temas que foram abordados.

Figura 2 - Exposição em sala de aula



Fonte: Autores (2018).

Figura 3 - Práticas no laboratório de informática



Fonte: Autores (2018).

Figura 4 - Atividade com aplicativos móveis



Fonte: Autores (2018).

Figura 5 – Suporte das monitoras nas oficinas



Fonte: Autores (2018).

DESENVOLVIMENTO

A Educação Financeira desempenha na atualidade um importante papel na consolidação da cidadania, porém, no nosso país essa questão foi negligenciada por muitos anos pelo poder público, como consequência, esse tema não tem sido tratado com a devida importância por grande parte da população brasileira.

Nesse sentido, organizações internacionais como a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE, tem incentivado desde início desse século que o conhecimento sobre questões econômicas e financeiras estejam presentes nos currículos escolares de diversos países, incluído o Brasil (CAMPOS, 2012).

Num contexto mais geral, a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico – OCDE descreve que:

A educação financeira pode ser definida como o processo pelo qual os indivíduos melhoram sua compreensão sobre produtos, conceitos e riscos financeiros e, através de informações e recomendações claras, desenvolvem habilidades e confiança necessárias para tomarem decisões fundamentadas e com segurança, melhorando o seu bem-estar financeiro (OCDE, 2005, p. 4).

Segundo OCDE, os incentivos que buscam efetivar uma política educacional financeira, devem ser propostos em parceria com escolas, universidades, e instituições financeiras, dentre outras organizações governamentais ou não governamentais, visando benefícios socioeconômicos para toda a sociedade. Nessa perspectiva, para estimular a Educação Financeira no âmbito da sociedade brasileira, foi instituída a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, que tem por objetivo:

Promover e fomentar a cultura de educação financeira no país, ampliar a compreensão do cidadão, para que seja capaz de fazer escolhas consciente quanto à administração de seus recursos, e contribuir para a eficiência e solidez dos mercados financeiro, de capitais, de seguros, de previdência e de capitalização (BRASIL, 2010, p. 2).

A discussão sobre a Educação Financeira no âmbito do ensino médio é uma importante oportunidade para instituições educacionais, em especial as públicas, concentrem esforços na formação de cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel na sociedade e em prol do desenvolvimento sustentável do país. Nesse sentido Araújo (2009), ao abordar sobre a necessidade de educar financeiramente os consumidores afirma que: “educar o consumidor é educar o cidadão, e a escola tem a função histórica e social nesta direção” (ARAÚJO apud CAMPOS, 2012, p.45).

Na concepção de Hermínio (2008), um bom ponto de partida para se trabalhar a Educação Financeira pode ser o contexto da matemática financeira. Para esse autor, o cenário

da Educação Financeira favorece a aplicação dos saberes da matemática, em especial da matemática financeira. Na visão desse autor, a partir dessa perspectiva os alunos podem “*entender melhor o que se passa nas relações comerciais existentes no meio social em que estão inseridos, além de poder entender as muitas questões que envolvem tantas desigualdades que hoje presenciamos* (HERMÍNIO, 2008, p.54)”.

Apesar do papel da escola estar definido nesse cenário da educação financeira, as diretrizes do ENEF também indicam a participação dos agentes financeiros, e isso gerou preocupação da própria OCDE, que cobra transparência e isenção das influências do mercado comercial e financeiro nos programas dessa área, pois, só assim poderiam formar indivíduos com competência na análise e interpretação das informações financeiras com a devida imparcialidade (SAITO, 2006).

Segundo, Zerrenner (2007) a Educação Financeira no contexto sócio-econômico do país que vivemos, torna-se uma ferramenta social de grande valor. Mesmo com a facilidade de se influenciar por recessões econômicas e inflações, que afetam a economia e conseqüentemente a condição financeira das pessoas e das famílias, é raro que a família se sente à mesa de casa com seus filhos para tratar desse tema.

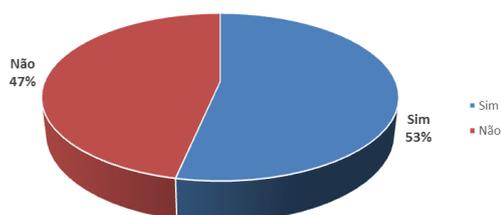
Já o mercado financeiro oferece um grande número de produtos e serviços, muitos deles com razoável complexidade, que exige de nós maiores competências quanto ao uso do dinheiro. Além disso, o apelo pelo consumismo em nossa sociedade tem se ampliado com o acesso as novas tecnologias e pelo marketing que busca a todo custo, influenciar as decisões dos consumidores quando se deparam com novos produtos, promoções e facilidades de pagamentos (ZERRENNER, 2007; CAMPOS, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na busca por conhecer o perfil dos alunos e suas maneiras particulares de lidar com recursos financeiros em seu cotidiano, elaboramos e apresentamos alguns gráficos que ajudam descrever alguns aspectos dos alunos participantes.

Quando questionados sobre experiências formativas relacionadas especificamente com Educação Financeira - EF, boa parte deles, mais precisamente 47%, afirmam não terem passado experiências envolvendo Educação Financeira, conforme se verifica na figura 6.

Figura 6 - Experiência formativa com Educação Financeira

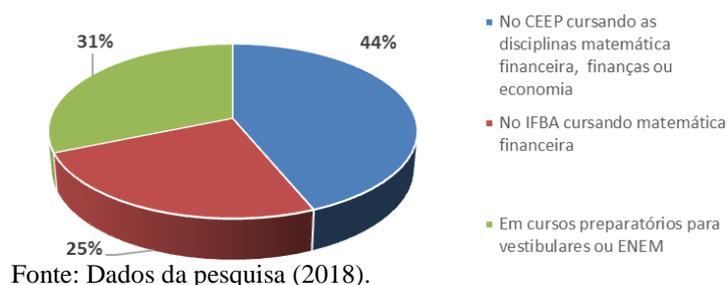


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Conforme descrito por Campus (2012), os resultados mostrados nas figuras 6 , apontam para uma realidade educacional do nosso país. O fato da escola brasileira de educação básica ainda não atingiu índices adequados de EF, nem tem promovido com efetividade o que ficou estabelecido na Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF. Isso reflete em parte, o negligenciamento dessa temática pelo poder público e pelas instituições escolares que poderiam promover ações contínuas de formação em Educação Financeira.

Já na figura 7, os alunos que declararam possuir alguma experiência com conteúdos da EF, dão pistas de como esse contexto ocorreu, porém, não foi nosso foco especificar os saberes que foram relacionados com essa temática. Nesse caso, cerca de 75% dos alunos relataram alguma formação escolar posterior, em especial com matemática financeira ou matérias específicas da área de administração, conforme discriminadas a seguir.

Figura 7 – Tipos de experiência relacionada com EF.

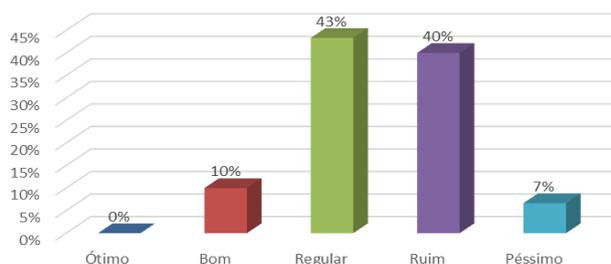


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Observamos que quando os alunos são questionados sobre experiências com educação financeira, conforme mostra figura 7, alguns associam imediatamente aos estudos escolares da matemática financeira, tal concepção não é equivocada e pode perfeitamente contribuir no campo da EF, conforme defendido por Hermínio (2008). Porém, tal saber matemático por si só não assegura que o processo de Educação Financeira se consolide, pois carece estar conectada com as dimensões social e crítica desse processo educacional (ZERRENNER, 2007).

Com relação a suas percepções sobre saberes aprendidos, em relação ao tema Educação Financeira, apenas 10% dos alunos acreditam ter um bom conhecimento, indicando algum conhecimento prévio, porém, para 47% deles, não estavam seguros sobre suas aprendizagens e declaram ter um conhecimento ruim ou péssimo sobre o tema, conforme podemos observar na figura 8.

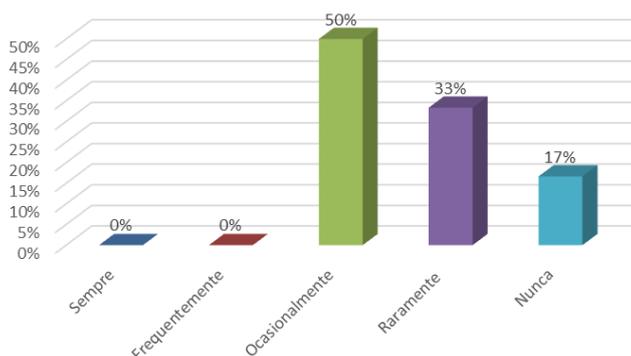
Figura 8 - Percepção sobre nível de conhecimento Educação Financeira



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Quando verificamos suas experiências familiares ou seus processos formativos, contexto apresentado na figura anterior fica mais bem compreendido. Segundo respostas Quando questionados sobre hábitos de diálogo com a família sobre questões financeiras (num período mensal), 33% dos alunos disseram que é raro abordar esse tema em casa com familiares, outros 50% declararam ser ocasional, o restante, 17% não tem dialogado sobre o tema da EF com a família, conforme mostra a figura 9.

Figura 9 – Frequência mensal de diálogos com a família sobre o tema.



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Essa realidade local reflete uma realidade nacional que pode ser crucial para a efetivação de uma educação financeira, nos referimos a pouca participação da família na discussão que envolve finanças. Nessa mesma linha de pensamento, Zerrenner (2007) chama a atenção para esse fato que deveria ser um ponto importante do cotidiano das pessoas.

Ao final do curso, foi aplicado outro questionário onde os cursistas puderam dar um *feedback* sobre suas aprendizagens e seus níveis de satisfação. Nesse sentido, separamos

alguns registros escritos com algumas opiniões relacionadas com essa experiência, bem como, com o desenvolvimento das atividades práticas propostas na oficina.

Para o aluno A: *“a experiência desse curso foi muito positiva pois só tinha estudado sobre questões de juros e descontos em operações financeiras, deu pra ver um pouco mais e me fez pensar em economizar mais meus recursos para o futuro”*.

O aluno B descreve: *“não penso muito sobre questões de dinheiro, mas deveria pensar mais pois sei que no futuro vou precisar economizar para comprar uma casa e para minha aposentadoria, aprendi algumas coisas legais que vou tentar colocar em prática, pois a situação do país não tá muito boa economicamente”*.

O Aluno C revela que: *“o ponto de vista do curso foi muito bom, complementei meus conhecimentos de matemática financeira com o uso da calculadora e a atividade de elaborar o orçamento me fez abrir o pensamento para a questão do uso do dinheiro, além disso, não conversava com amigos e meus pais sobre dinheiro e vejo que esse cuidado é importante*.

Segundo o aluno D: *“na escola não temos muito tempo para estudar assuntos relacionados com dinheiro, pois são muitos conteúdos da área técnica curso que faço, mas acho que deveria ter esse assunto como extra pois é importante para nossa vida, aprendi que devo valorizar mais o meu dinheiro e economizar para aposentadoria e para comprar coisas sem juros, pois são muito altos no Brasil*.

Tais opiniões explicitam o aspecto positivo de aprender sobre temas da educação financeira, tal qual foi nossa intenção, porém, conforme defendido por Araújo (2009) é preciso refletir criticamente sobre como a cidadão pode ser beneficiado com esse conhecimento, que por um lado pode ser visto como fundamental para os desenvolvimentos pessoal e econômico, por outro, pode ser usada como ferramenta de libertação da alienação produzida pelo capital e pelas relações de consumo na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao promover discussões e ações que envolveram teoria e prática relacionadas com temas da educação financeira, acreditamos ter contribuído para o desenvolvimento de saberes dos alunos e conseqüentemente, para que estes possam refletir e agir em prol de consumo sustentável e consciente dos recursos e objetos que o dinheiro pode comprar.

Consideramos que ao desenvolver saberes provenientes da Educação Financeira, os alunos estarão se inserindo socialmente, pois ao adquirirem segurança e consciência sobre o

seu papel de consumidor e o papel do dinheiro em suas vidas, poderão empreender ações e atitudes que visem gerar melhores condições financeiras para si e suas famílias.

Além disso, ao usufruir das tecnologias digitais (computador, tablets, softwares e aplicativos móveis) como ferramentas de organização e planejamento financeiro, colaboramos com o aprimoramento dos conhecimentos digitais dos alunos participantes, contribuindo por consequência, em sua inserção digital.

Nesse contexto, acreditamos que uma abordagem investigativa, numa perspectiva de estudo de caso e num período de tempo maior, envolvendo acompanhamento *in loco* das ações implementadas pelos alunos ou por outras pessoas interessadas, permitiria um estudo mais aprofundado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. **Alfabetização econômica: compromisso social na educação das crianças**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira – Plano Diretor da ENEF**. 2011. Disponível em: < <http://www.vidaedinheiro.gov.br/legislacao-2/> >. Acesso em outubro de 2018.

CAMPOS, Marcelo Bergamini. **Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental: uma análise da Produção de Significados**. 2012. 179 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG.

HERMÍNIO, Paulo Henrique. **Matemática financeira – um enfoque da resolução de problemas como metodologia de ensino e aprendizagem**. São Paulo, 2008. Dissertação de mestrado em Educação Matemática. Universidade Estadual Paulista. Campus Rio Claro

OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices For Financial Education and Awareness**. Recommendation of The Council. July, 2005.

SAITO, Andre Taue. **Uma contribuição ao desenvolvimento da educação em finanças pessoais no Brasil**. 2007, 152p. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVEIRA, D. T.; CÓDOVA, F. P. **A pesquisa científica**. In: GERHARDDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (org.). Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora de UFRGS, 2009. P. 31-42.

ZERRENNER, SABRINA ARRUDA. **Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda**. São Paulo, 2007. 25 p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Administração da Universidade de São Paulo, 2007.